



ENTRANDO, SAINDO OU PERMANECENDO NO “ARMÁRIO”: O COMING OUT DE JOVENS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM BELÉM- PA

Mílton Ribeiro da Silva Filho¹
Carmem Izabel Rodrigues²

As discussões sucitadas sobre as homossexualidades na realidade amazônica são desafiadoras, pois apresentam-se, sob variados aspectos, diferenciadas de outras regiões do país: seja através da tímida produção existente, seja porque a região mantém uma ligação constante entre moderno e tradicional, contato esse recíproco e permanente, mas que também desponta como um celeiro vanguardista.

Revisitando etnografias sobre a homossexualidade, vimos que a cidade de Belém serviu de campo, na década de 1970, para que o antropólogo Peter Fry (1982), embasado na teoria da cultura para explicar a construção do sujeito homoerótico, pudesse realizar uma análise pioneira das relações estabelecidas entre a homossexualidade masculina e os cultos afro-brasileiros e, assim, despontasse como um dos primeiros antropólogos ocupados com as dinâmicas que envolviam as relações homossexuais e com a influência das convenções sociais de gênero na construção da identidade homossexual.

Portanto, neste trabalho, refletiremos brevemente sobre a maneira encontrada, a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, acerca da “saída do armário”, de suas relações com familiares e amigos, suas formas de negociar uma identidade ligada às sexualidades dissidentes, as performances gays, ligadas ao estilo *camp* e a um modo particular de manifestação e publicidade de um *ethos* LGBT específico.

Isto posto, o grupo pesquisado foi composto por 6 homens, com idade entre 16 e 26 anos, moradores da área metropolitana de Belém, em bairros da periferia, todos tendo se auto-atribuído a cor *branca*, somente um com o ensino superior completo, um outro cursando o ensino superior, três com o ensino médio completo e um ainda cursando. Sendo duas as formas como descreveram sua orientação sexual: “homossexual” e “gay”, mas que em outros momentos, também, acabavam se

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará e bolsista do CNPq.
E-mail: mfo@ufpa.br

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.



considerando “bichas” e todos considerando a “juventude” como o estágio pelo qual estão passando (a partir do exame de algumas respostas contidas nas entrevistas), de acordo com o quadro abaixo.

nome ³	idade	orientação sexual (auto-atribuída)	escolaridade	cor/raça (auto-atribuída)	bairro de Belém onde mora
XY1	16 anos	Gay	ens. médio incompleto	branco	Maguary
XY2	21 anos	Gay	ens. médio completo	branco	Guamá
XY3	22 anos	Homossexual	ens. médio completo	branco	Marco
XY4	22 anos	Gay	ens. médio completo	branco	Marambaia
XY5	24 anos	Gay	ensino superior incompleto	branco	Pedreira
XY6	26 anos	Homossexual	ensino superior completo	branco	Pedreira

Quadro: Sujeitos da pesquisa.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Tendo em vista o quadro acima, certamente identificaríamos essas pessoas como jovens, mas esta constatação está longe de ser dada como certa se não levarmos em consideração o que significa “ser jovem” para eles, pois este “estágio geracional” nos pareceu implicado de uma série de experimentações, onde o contato físico e emocional com alguém do mesmo sexo seria um demonstrativo destas, e que não os condicionaria a uma identificação enquanto homossexuais ou gays, mas estaria apenas no plano relacional e circunstancial, porém os entrevistados deste trabalho foram, se não categóricos, mas enfáticos em expressar sua homossexualidade.

Entretanto, este trabalho refletirá, brevemente, sobre a maneira encontrada, por cada entrevistado, acerca de sua “saída do armário”, suas relações com familiares e amigos, suas formas de negociar uma identidade ligada à orientação sexual, as performances homossexuais, ligada a um estilo *camp* e a um modo particular de manifestação e publicidade da identidade LGBT.

Negociando o “armário”: reflexões sobre si

Quando iniciamos as entrevistas que comporiam este trabalho já tínhamos, mais ou menos, uma idéia do que estaria por vir quando abordasse o *coming out*, pois o tema do “armário” é constante nas conversas entre pessoas LGBTs, uma vez que em várias situações há alguém

³ Os nomes dos entrevistados foram substituídos pelas letras “XY” acompanhadas de um número sequencial na alusão ao entendimento que Ludovic faz, no filme *Ma vie en rose*, sobre a definição dos sexos biológicos, quando ele conclui que Deus foi “esperto” em deixar cair um de seus “X” no lixo e tê-lo feito menino, mas quando for resolvida a confusão (e a ele ser devolvido o “X” que falta) então ele poderá se casar com Jérôme (cf. MARQUES FILHO e CAMARGO, 2008).



apontando para uma “evidente” homossexualidade do outro. Então, o “sair do armário” serviu-me como reflexão acerca da *normalidade* da conduta heterossexual e de acordo com Spargo (p. 43)

[...] Declarar-se *fora* do armário da sexualidade escondida pode ser uma liberação pessoal, mas implica reconhecer a centralidade da heterossexualidade, assim como reforçar a marginalidade daqueles que ainda estão dentro do armário. Em suma, é impossível mover-se inteiramente por fora da heterossexualidade⁴.

E, então, encontro em uma de minhas entrevistas a seguinte declaração:

[...] continuar a agir como homem é muito difícil para o gay, pois existe muita cobrança, se ele não for assumido [...] tem que namorar uma menina, ter filho, mesmo que seja novo [...] procurar lugares [bares e boates] em que não vá ninguém conhecido, para poder continuar *viçando*...⁵

Neste ponto, vemos certa incerteza na distinção entre as categorias de gênero e sexualidade, pois Spargo (2006) refere-se a uma saída do armário no que tange à orientação sexual e XY4, acima, faz uma ligeira “confusão” entre performance de gênero, que ligaria a um tipo específico de agir masculino, e a orientação homossexual, que teria conseqüências negativas caso esta pessoa não fosse assumida, como exemplo a perda da credibilidade familiar ou a “ameaça de perder certos privilégios que a posição que ocupam na hierarquia das sexualidades lhes proporciona” (Saggese, 2006, p. 35).

O que nos faz lembrar das considerações de Fry (1984) e Perlongher (1987) sobre os tipos descritos como *bofe* e *michê*⁶, que mesmo mantendo contatos homoeróticos mantêm “coerência” com o sexo biológico. Além de outra categoria aparecer como demarcadora na assunção da sexualidade, pois o ato de “viçar⁷” determinaria o sujeito homossexual, haja vista sua orientação estar voltada para pessoas do mesmo sexo e precisar ser ocultada. É como se, nos dizeres de Foucault (1997), existisse um tipo homossexual, uma espécie, que necessitasse ser revelada e acusada (e até mesmo estudada) e que tivesse que sobreviver e ser vivenciada no anonimato, se não fosse respeitado o *coming out*.

Em outra entrevista encontramos uma motivação para uma “saída ostensiva do armário”, pois, de acordo com XY3 (19/09/2009), “os amigos são os que mais te influenciam a frescar, dar close” e que, portanto, seriam parte de uma rede de apoio em caso de “alguma coisa dar errada”, mas que também ajudam a aprender o *bajubá*, protegem de confusões e disseminam as fofocas.

Em outro momento, ao perguntar para os entrevistados sobre como se dera a “saída do armário”, especialmente no âmbito familiar, a maioria fora categórica em afirmar que houve

⁴ SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro. Pazulin/Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2006.

⁵ Entrevista concedida por XY4, 22 anos, dia 10/08/2009.

⁶ Os autores, Fry (1984) e Perlongher (1987) ilustram as performances de gênero presentes nestas duas categorias, indicando que a presença dos traços de masculinidades estão presentes para que se faça existir esses sujeitos.

⁷ Palavra do *bajubá* que designa as relações sexuais ou não ocorridas entre pessoas do mesmo sexo.



conflitos e muitas brigas, pois os pais não aceitavam “a vida que eu estava levando”. Recriminações e xingamentos fizeram (e fazem) parte do cotidiano dos entrevistados por certo período (para um deles o “sofrimento” ainda perdura), e outro chegou a dizer que até hoje sofre com a indiferença paterna, porque o pai ainda não “aceitou sua condição de gay”.

Quando fiz referência ao comportamento dos familiares, com relação ao comportamento “diferente” que eles eventualmente poderiam manifestar em casa, como a presença de amigos, a ida às boates, à parada, que de certa forma os ligariam ao mundo gay, a totalidade respondeu que alguém da família tinha conhecimento de seu “gosto por homens”. Seja uma prima, irmão ou mãe, de alguma forma as características que os identificariam como gays estavam presentes desde a infância e que em determinado momento necessitava ser revelada, pois

[...] para chegar em “casa”, é claro, era necessário primeiro “sair”. Para lésbicas e gays, estar “fora” ou “dentro” do armário tornou-se uma marca crucial de sua política sexual. “Sair do armário” sugeria emergir do confinamento e da ocultação, realizar um movimento do sigilo para a afirmação pública⁸

As reflexões de Spargo (2006, p. 25-26) sobre a política do armário trazem contribuições interessantes sobre a maneira como as pessoas identificam-se e escolhem construir-se como sujeito político, uma vez que

[...] A diferença mais óbvia entre “gay” e “lésbica” e as antigas categorias existentes era que, ao invés de aceitarem uma posição passiva como um objeto de conhecimento, os sujeitos identificados como gays e lésbicas estavam ostensivamente escolhendo ou reivindicando uma posição. Ser gay ou lésbica era uma questão de orgulho, não de patologia; de resistência, não de auto-ocultação⁹

Ainda que Sedgwick (2007) tenha afirmado ser o problema do armário ou “regime do segredo aberto” um problema associado não somente à homossexualidade, expondo que outros marcadores sociais, também, podem criar “armários”, este está ligado às estruturas de poder-saber vigentes em nossa sociedade, que de certa forma estariam atadas a um determinador valor, principalmente moral e religioso, presente na sociedade ocidental moderna.

De certa forma, resgatando uma historicidade na conquista por publicidade do desejo homoerótico, Saggese (2006, p. 31) aponta para

[...] a legitimidade destas práticas [homossexuais] [que] foi[ram] ganhando uma conotação mais explicitamente política, e o episódio de Stonewall, em Nova York, seja talvez o exemplo historicamente registrado mais marcante deste processo [de “sair do armário”] [...] Construiu-se desse modo a noção de que práticas homossexuais deveriam ser reconhecidas como apenas um pequeno fragmento de um *ethos* extremamente complexo, mas diferenciado e diametralmente oposto ao do “universo” heterossexual dominante¹⁰

⁸ SPARGO, Tamsin. Op. cit, p. 28.

⁹ SPARGO, Tamsin. Op. cit, p. 25-26.

¹⁰ SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva – área de concentração: Ciências Humanas e Saúde) – Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro. UERJ, 2009.



Um pouco de queer, um pouco de camp

Nas entrevistas que realizamos, não havíamos perguntado sobre o *camp* de forma explícita, porém sempre tentamos interpretar as manifestações, sejam linguísticas, corporais e performáticas, à luz das considerações sobre a teoria *queer* e a estética *camp*, pois quando perguntava sobre a orientação sexual dos entrevistados, quase sempre depois das respostas ouvia um tipo de referência que não enquadraria por completo as suas práticas sexuais, descartando, assim, a restrição de relacionamentos afetivo-sexuais somente com pessoas do mesmo sexo.

Um dos entrevistados disse-me:

[...] já namorei meninas, mulher, enfim... Naquela época foi mais por conta da pressão da minha família, dos meus pais, que me pressionavam pra ter uma namorada, porque o meu irmão já tinha tido umas quatro ou cinco e eu [com 19 anos] não havia aparecido com nenhuma em casa [...] Talvez seja por isso que eu, hoje em dia, também me relacione com meninas, mas só em festas, nada de muito sério. É só beijo mesmo!¹¹

A ênfase mostrada por ele de que, “também”, se relaciona com meninas mostra que os relacionamentos são situacionais, pois ocorrem em momentos de festas, de “curtição”, não sendo levados adiante por estarem estabelecendo outro tipo referência, que não o referencial homossexual ao qual eles estariam ligados, possivelmente. E é esse caráter transgressor da teoria *queer*, aliado ao estilo e/ou estética *camp*, que me parece ser interessante de abordar, pois

[...] O termo descreve um leque diverso de práticas e prioridades críticas: leituras de representação do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, música e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos de identificação transexual e transgênero, de sadomasoquismo e desejos transgressivos¹²

O uso da palavra *também*, na entrevista acima, estaria próximo das considerações *queer* sobre identidade, processo de subjetivação, construção identitária, performance, etc. de que estas são fluídas, mutantes, processuais, não estanques, não estando inseridas num processo taxonomista e/ou esquadrinizador conformado por normas, principalmente as determinadas pela heterossexualidade compulsória, como que as que “delimitam os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, [o queer] paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões” (LOURO, 2004, p. 17).

Segundo Louro (2004, p. 7-8) o conceito *queer* obedece às seguintes caracterizações:

[...] é estranho, raro, esquisito. *Queer* é também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência; um jeito

¹¹ Entrevista concedida por XY5, 24 anos, dia 09/10/2009.

¹² SPARGO, Tamsin. Op. cit, p. 9.



de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecidível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina¹³

Ainda, de acordo com Silva (1999, p. 107), é necessária uma atitude *queer* para que se radicalize o “livre trânsito entre as fronteiras da identidade, [entre] a possibilidade de cruzamento de fronteiras”. Pois, para ele, observando a construção identitária a partir da “hipótese da construção social, a identidade acaba, afinal, sendo fixada, estabilizada, pela significação, pela linguagem, pelo discurso”, pois “não existe identidade sem significação. [E] Não existe [portanto] significação sem poder” (p. 106).

Olhando os dois conceitos (*queer* e *camp*) como rompimento com a norma vigente em relação à sexualidade e à identidade de gênero, por exemplo, mesmo que o *camp* apareça para alguns autores como uma “forma de exagero descompromissado, ingênuo, não intencional, fantástico, apaixonado” (MARQUES FILHO e CAMARGO, 2008, p. 85), acabamos por evidenciar seu caráter de “duplo sentido” livre de considerações não-políticas, não intencionais, visto que adotar a estilo *camp* como parte do cotidiano é uma escolha, também, política, portanto, estaria dentro da atmosfera transgressiva, da “fuga consciente” proposta pelos sujeitos *queer*.

Notas sobre a fechação em Belém

As observações de Durkheim e Mauss (1979) sobre como a classificação dos seres, objetos, pessoas acontecem a partir das relações sociais, da sociedade, ou seja, o real criando o abstrato indicam, com relação à questão aqui analisada, que na sociedade brasileira a homossexualidade aparece classificada como desvio, divergência do normal. E que apesar de ainda sobreviver sob a égide da violência, causa da intolerância com relação ao diferente, encontra nos espaços de sociabilidade, na *guetização* a resistência à classificação hegemônica. Em vista disso, algo que estaria no plano do *preconceito velado* como, por exemplo, na falta de uma discriminação oficializada e que mesmo assim acabaria deslocando a homossexualidade para um espaço restrito e específico, encontraria espaço fértil para a transgressão através da performance.

E é nos espaços de sociabilidade (bares, boates, saunas GLS, etc.), no famigerado “gueto gay”, que a *fechação* pode ser vivenciada plenamente, pois, de certa forma, a rede de amigos, que frequentam estes espaços com um objetivo comum, permite a extravagância, o close, o “aparecer”, a exposição e publicidade da homossexualidade. Mais, até, que outros espaços onde a identidade homossexual encontra-se como parte da “sujeira” (DOUGLAS, 1976), do não-lugar (AUGÉ, 2001),

¹³ LOURO, Guacira. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.



do “outsider” e aquém do “processo civilizador” (ELIAS e SCOTSON, 2000; ELIAS, 1990), mas, é claro, que estas categorias acabam não existindo como “tipos puros”, apenas sendo conclamadas (ou reclamadas) quando se pretende marcar uma distinção entre a “normalidade” e a “anormalidade” (FOUCAULT, 2001). Sendo, também, parte das relações produtivas de poder-saber (FOUCAULT, 2008), da ordem/organização da sociedade (DURKHEIM e MAUSS, 1979).

Mas como agir, dado que existem instâncias prontas para estabelecer o controle, com relação a gestos e atitudes? A resposta não parece ser simples de responder, mas ensaiamos breves considerações, a partir desta parte transcrita:

[entrevistador] É fácil ser gay em Belém?

[XY3] Claro que não, né, mana!? Tem muita mamação, tem muito buu [...] bicha em Belém dá close, mas pena [...] porque a sociedade ainda é muito preconceituosa [...] Lembra do caso dos travestis do Reduto¹⁴? Pois é, algumas foram espancadas, levaram porrada mesmo [...] mas se não sofrer, não é viado!¹⁵

A *mamação* e o *buu*, integrantes da performance e do fenômeno de “acusação”, são o reflexo da intolerância pela qual passam os indivíduos homoeróticos: vindo de todos os lados, os insultos, as galhofas, os atos discriminatórios se tornam presentes na maior parte da vida, seja em casa ou na rua:

[...] O preconceito, no âmbito restrito da família, de acordo com os depoimentos, pode manifestar pela intolerância declarada e até culminar na expulsão de casa. Todavia, é mais comum ignorar-se a situação e “fingir que não se sabe de nada”, ou diante das evidências, aceitá-la. Esta aceitação, entretanto, exigirá em contrapartida, que o indivíduo se realize, seja no campo financeiro ou profissional, como se atestando sua competência e/ou conformidade aos padrões vigentes em outra área, ele abafasse o seu lado “negativo” e “desviante”. Ademais, foi colocado que, mesmo quando há “aceitação” ou “tolerância” por parte dos familiares, sempre há uma esperança de que por algum motivo a situação se reverta e o indivíduos “entre nos eixos”.

Diante da situação de preconceito e pressão, ficou constatado nas entrevistas, que os homossexuais se utilizam de estratégias de encobrimento, seja através do escudo da heterossexualidade, saindo com parceiros do sexo oposto ou, no caso feminino, aceitando “cantadas de homens” e, destarte, justificando socialmente sua condição¹⁶

A citação acima saiu da etnografia realizada em Belém, no final da década de 1980, por uma estudante, à época, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, na qual ela procurava desvendar as representações de pessoas homoeróticas, o preconceito e a discriminação. E

¹⁴ Uma espécie de “limpeza” ocorrida no bairro do Reduto em Belém, em 2009, tendo apoio do aparato policial, os moradores das proximidades dos “pontos” de prostituição disseram que as travestis atentavam contra os “bons costumes da sociedade”.

¹⁵ Entrevista concedida por XY3, 22 anos, dia 26/09/2009.

¹⁶ GONÇALVES, Telma Amaral. **Homossexualidade – representações, preconceito e discriminação em Belém**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais). Belém. UFPA, 1989. (p. 20-21)



como se pode ver, quase nada mudou, com relação aos três itens pesquisados por ela, mesmo tendo passado duas décadas entre a etnografia citada acima e a que originou este trabalho¹⁷.

Quais as alternativas ao comportamento moralista? E que respostas podem ser produzidas pelos sujeitos que vivenciam essas situações que vão da “intolerância declarada” à tolerância vigiada, ao controle mais direto ou mais sutil de suas escolhas e preferências, enfim, ao risco cotidiano do “segredo aberto” (Sedgwick, 2007) nos diversos contextos de interação familiar e social?

Entre as alternativas possíveis aos indivíduos LGBT, assumir-se pode implicar em assumir a *fechação* como experiência a ser vivenciada nos mais diferentes espaços, no sentido de produzir uma re-significação do ato de “levar buu”, da “mamação”; pode implicar, ao mesmo tempo, em um processo político de reconhecimento da *diferença* como produtiva (PIERUCCI, 1999); pode implicar ainda em pensar (e viver) a homossexualidade como uma experiência transgressora e não normatizadora, como pretendeu Foucault (2008, p. 1), ao dizer que o esforço em “tornar-se” é mais interessante, e por isso mais “perturbador”, que o reconhecimento de que *somos*, pois, para alguns

[...] a afirmação passa pela afirmação da radical diferença dos homossexuais e por marcar nitidamente as fronteiras que os separam dos heterossexuais [...] Eles devem assumir de uma forma agressiva a sua própria condição, devem “fechar” para afirmar o seu direito à livre expressão de seu desejo, não devendo aceitar as regras colocadas pela sociedade heterossexual¹⁸

Fry (1983, p. 101) assim define a *fechação*: “um tipo de *desmunhecação* proposital e escandalosa” que os homossexuais utilizam como “forma de humor, expressão de uma identidade grupal e meio de agredir os que têm preconceito anti-homossexuais”. Acompanhando um pouco deste raciocínio, Pelúcio (2007, p. 162), insiste em que “a estratégia de resistência é justamente a de se agir ao contrário das expectativas sociais”; onde o “grito/escândalo” como estratégia de defesa (como micro-política) passa a “estender o espaço de sua própria abjeção àqueles que comumente as recusam, humilham e oprimem” (Idem, p. 175)

Então a *fechação* estaria no âmago do rompimento com as normas, com valores “heterocentrados”, ou seja, com o que está posto. Evidenciando o desligamento do indivíduo com o que denominamos como “manipulações heteronormativas” e que se assentam nas formas explícitas e implícitas de enquadramento de indivíduos homoeroticamente orientados na norma

¹⁷ SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. **Digressões homossociais: a (micro)política do armário ajudando a construir um ethos LGBT**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Belém. Universidade Federal do Pará, 2010.

¹⁸ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de & CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina nos nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, Rick & GARCIA, Wilton (orgs.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. São Paulo. Xamã – NCC/SUNY, 2002. (p. 322)



heterossexualmente compulsória, dando ênfase ao comportamento masculinizado para os homens gays e feminilizado para as mulheres lésbicas, partindo de um entendimento asséptico com relação às ditas “minorias” sexuais e de gênero, neste caso, qualquer indivíduo que fuja do padrão heteronormativo (BUTLER, 2003).

Bibliografia

AUGÉ, Marc. Não-lugares – introdução a uma antropologia da super-modernidade. Campinas: Papyrus/Travessia do Século, 2001.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. Lisboa: Edições 70, 1976.

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 399-455.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento da entrevista “De l'amitié comme mode de vie” a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39, disponível em: <http://filoesco.unb.br/foucault/amizade.pdf>, acesso em: 20 mar. 2008.

_____. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 1997.

_____. Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1984.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense, 1983.

GONÇALVES, Telma Amaral. Homossexualidade – representações, preconceito e discriminação em Belém. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais). Belém. UFPA, 1989.

LOURO, Guacira. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARQUES FILHO, A. & CAMARGO, Flávio Pereira. Ma vie en rose: identidade, corpo e gênero no cinema francês contemporâneo. OPSIS (UFG), v. 8 n 10, 2008, p. 78-98.

PELÚCIO, Larissa. Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura). São Paulo. UFSCar, 2007.



PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. São Paulo: Editora 34, 1999.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no *coming out* de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva – área de concentração: Ciências Humanas e Saúde) – Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro. UERJ, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofski. A epistemologia do armário. In: Cadernos PAGU. Campinas, nº 28 (JAN/JUL), 2007, p. 65-99.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. Digressões homossociais: a (micro)política do armário ajudando a construir um ethos LGBT. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Belém. Universidade Federal do Pará, 2010.

SPARGO, Tamsin. Foucault e a teoria *queer*. Rio de Janeiro: Pazulin/Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.